

## 5. “Bem-aventurados os pacificadores”

Quando Jesus ressuscitado alcança aos dois discípulos de Emaús, encontra-os sem paz e sem esperança (cf. Lc 24,13-35). Deixaram de Jerusalém e, portanto, o pequeno resto dos discípulos de Jesus que, apesar de tudo, estavam fraternalmente reunidos na casa do Cenáculo ao redor da Mãe de Jesus.

“Esperávamos que ele fosse aquele que tivesse libertado Israel” (Lc 24,21), dizem Dele. Mas Jesus foi crucificado, morto, e esta esperança falhou.

O que dizem os dois discípulos revela dois grandes erros na sua relação com a vida e com o próprio Jesus. O primeiro é um erro sobre em que se baseia a sua esperança. Eles esperavam de Jesus sucesso político e mundano. Eles esperavam que através de Cristo receberiam poder e glória. Eles esperavam que Ele derrotasse e destruísse seus inimigos.

Quantas vezes cometemos este erro até na concepção e na vivência da nossa vocação, da nossa vida comunitária! Esperamos uma paz que nos venha do poder, muitas vezes económico, ou do sucesso, ou da derrota dos nossos inimigos. Portanto, numa paz que será só para nós, e não um bem a ser partilhado com os outros, com todos. Esta falsa esperança numa paz ainda mais falsa é a raiz de muitas infidelidades e, sobretudo, de muitas divisões, não só no mundo, mas também nas comunidades.

O segundo erro dos dois discípulos de Emaús, ligado ao primeiro, é que não compreendem que aquilo que descrevem como motivo da sua tristeza e desespero deveria ser para eles motivo de uma alegria infinita. “As nossas autoridades entregaram-no para ser condenado à morte e crucificaram-no” (Lc 24,20). Jesus morreu na cruz e por isso eles não têm mais esperança. Mas a Cruz é, na realidade, a fonte de toda a esperança, de uma esperança que absolutamente nada poderá desiludir. O apego à esperança no poder mundano impede-os de abrir o coração à esperança da Cruz e, portanto, à paz que nada lhes poderá tirar.

Também nós, quando vemos no corpo de Cristo que é a Igreja, que são as nossas comunidades, que somos nós mesmos, as chagas da Cruz, a fraqueza e a loucura da Cruz, perdemos a esperança e a paz. Não vemos que propriamente tudo isso é, na realidade, o que deveria nos encher de esperança e paz, porque nada, nem mesmo a morte, pode agora nos tirar a vida e o amor que fluem do Coração aberto de Cristo.

Mas notamos que Jesus alcança os dois discípulos de Emaús no caminho que eles já haviam tomado: um caminho errado, que vai na direção errada, que não vai na direção da esperança rumo à paz. Precisamente por esse caminho o Ressuscitado os alcança e caminha com eles na direção errada que escolheram. Mas a partir do momento em que Cristo, que é em pessoa “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6), caminha com eles, o caminho torna-se correto, o caminho torna-se caminho da verdade que conduz à vida.

A Igreja procura o seu caminho sinodal e convida-nos a encontrá-lo em cada comunidade e na Ordem. É importante que tomemos cada vez mais consciência de que o caminho sinodal da Igreja é fundamentalmente o próprio Cristo que caminha conosco no caminho que estamos percorrendo, que para muitos é cansativo, que para muitos é triste, que para muitos também é errado, ou bloqueado por muitos obstáculos, reais ou imaginários. Antes de corrigir o rumo – como os discípulos de Emaús que naquela mesma noite tomaram o caminho em sentido contrário – devemos ajudar-nos a ver o Ressuscitado que agora caminha conosco, que agora nos fala, que está perto de nós e nos ama a ponto de fazer arder o nosso coração (cf. Lc 24,32). O Ressuscitado, caminhando conosco, já nos dá a experiência de uma paz interior e entre nós que, como um raio de sol entre as nuvens, muitas vezes vem dar-nos consolação e esperança, renovando as nossas energias cansadas para nos apressarmos a anunciar que Cristo está vivo e conosco.

Às vezes, quando passamos por momentos pessoais e comunitários difíceis, arriscamo-nos a recordar de Cristo e de falar-nos Dele como se fosse um morto no qual não podemos ter esperança. Em vez disso, devemos falar-nos e recordar-nos Dele como do Ressuscitado que cuida de nós e sempre nos alcança para nos devolver não só a esperança, mas também aquilo que esperamos, o que perdemos, o Espírito que nos dá amor, alegria e paz (cf. Gal 5,22).

Jesus, nas Bem-aventuranças, enumera os dons do Espírito que Ele mesmo vem nos comunicar quando experimentamos as nossas limitações e as dos outros. Uma bem-aventurança diz respeito à paz: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”. (Mt 5,9)

Ser pacificadores não é diferente de “buscar a paz e segui-la” que São Bento nos pede. O operador ou operário da paz é precisamente aquele que em tudo se coloca ao seu serviço, para esta seja acolhida e possa crescer. A paz é servida procurando-a com constância, pedindo-a insistentemente a Deus, como vimos, mas também nos dispondo para que o Espírito de Jesus realize o que esta Bem-aventurança promete como dom a quem trabalha pela paz: ser reconhecidos como filhos de Deus. Todas as Bem-aventuranças prometem o Reino, ou cem vezes mais o que é tirado. Somente esta bem-aventurança promete ser chamados filhos de Deus, isto é, ser identificados com Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus.

Ser considerados filhos de Deus porque se busca a paz implica que o sinal de paz por excelência é a *fraternidade*. A paz, mesmo a paz do coração ou a paz com Deus, é sobretudo a paz fraterna, fruto da reconciliação. O pacificador é o operador da fraternidade, portanto do perdão, da reconciliação, da partilha, da consolação, da escuta dos outros, da correção fraterna, do serviço e do cuidado dos necessitados. A caridade fraterna é o principal caminho da paz. Toda a Regra de São Bento pede-nos que procuremos a paz buscando a fraternidade. Mesmo todos os votos: obediência, pobreza, castidade, estabilidade, São Bento ajuda-nos a vivê-los para construir a vida fraterna na paz. Caso contrário, nenhum compromisso cristão ou monástico, nenhuma ascese, nenhum esforço de conversão se concretizaria em nós,

se tornaria carne na nossa vida. Ser reconhecidos como filhos de Deus é o mesmo que ser reconhecidos como irmãos e irmãs em Cristo.

Numa comunidade há uma verdadeira busca da paz se houver uma busca da verdadeira fraternidade. Se as relações fraternas forem distantes, talvez haja uma certa tranquilidade na comunidade, mas não experimentaremos a verdadeira paz, a paz de Deus, que ultrapassa toda inteligência e guarda os nossos corações e os nossos pensamentos em Cristo Jesus (cf. Fil 4,7). Por esta razão, a verdadeira paz é sempre fruto da reconciliação. A reconciliação não significa que não existam conflitos e faltas entre nós, mas que, perdoadando-nos uns aos outros, os resolvemos no amor de Cristo, na comunhão do Espírito e na misericórdia do Pai.

Os três últimos “instrumentos das boas obras”, no capítulo 4 da Regra, expressam-no de forma simples e sublime:

“Orar, no amor de Cristo, pelos inimigos.

Voltar à paz, antes do pôr do sol, com aqueles com quem teve desavença.

E nunca desesperar da misericórdia de Deus.” (RB 4,72-74)

A paz, para São Bento, é aquele estado interior e na relação com os outros que é, por assim dizer, tenso entre o amor de Cristo que reza na Cruz pelos seus inimigos, isto é, por todos nós pecadores, e a misericórdia do Pai que responde à oração do Filho e da qual, precisamente por isso, nunca podemos desesperar-nos. Não podemos jamais desesperar nem sequer da própria paz, da paz nos nossos corações, nas nossas comunidades, na Igreja e no mundo, porque **a verdadeira paz é o dom do Espírito Santo que o amor do Filho pede para nós à misericórdia do Pai.**

Fora desta dimensão trinitária não podemos compreender a paz de forma verdadeira e não podemos acolhê-la e vivê-la. A verdade que permite acolher a paz é antes de tudo a verdade sobre Deus, que é Amor até à morte de cruz e Misericórdia infinita. Só nesta verdade sobre Deus, revelada em Cristo, descobrimos a verdade sobre o homem, sobre nós mesmos e sobre os outros, que permite procurar e seguir a paz, sem nunca perder a esperança de encontrá-la e de poder vivê-la em nós e entre nós para transmiti-la a toda a humanidade.